Apoio:

Patrocínio:

Realização:

A Princesa Doente

A Princesa Doente

Era uma vez um pobre rapaz que vivia - com uma madrasta cruel, malvada e horrenda como uma feiticeira. No lugar, todos tinham compaixão daquele pobre menino que emagrecia a olhos vistos devido aos inauditos sofrimentos a que estava exposto.
Uma noite, cansado de suportar aqueles maus tratos, resolveu fugir, para dirigir-se à Varsóvia, onde esperava encontrar trabalho para ganhar a vida.
Para sair da casa tinha de atravessar o quarto da bruxa e, quando teve a certeza de ,que ela estava bem adormecida, vestiu-se às pressas, abriu devagar a porta que comunicava com o quarto da malvada madrasta e, com o coração palpitante de emoção, dispôs-se a abandonar aquela casa onde não conhecera senão a dor e os sofrimentos.
A velha não percebeu coisa alguma e o rapaz pôde chegar são e salvo a Varsóvia. Atravessando a praça onde se erguia o palácio dos soberanos, notou um grande ajuntamento de pessoas que falavam em

voz baixa entre si. Muitas mulheres choravam.
- Aconteceu alguma desgraça? - perguntou o menino, voltando-se para um velhinho que enxugava os olhos e parecia muito magoado.
- A filha do rei está para morrer. Se alguma boa fada não quebrar o encanto, o país vai perder a sua amada princesinha.
— Está doente?- perguntou o rapaz, cheia de curiosidade.
- Sim - respondeu-lhe o velhinho - está de cama e enfraquece cada vez mais. Os sábios declararam nada poderem fazer, porque se acham em face de um malefício provocado por alguma malvada feiticeira.
- E de que doença se trata?
- A infeliz princesinha morre porque nas suas veias não corre mais a quantidade de sangue necessária para manter a vida.
E o velho desatou em soluços.
O menino afastou-se alguns passos e, justamente naquele momento, percebeu que era seguido por um cachorro barbudo, que o olhava com insistência, como se quisesse dizer-lhe alguma coisa.
O menino parou para acariciá-lo, e então o animal aproximou o focinho do seu ouvido, murmurando :
- Não te espantes de me ouvir falar, caro menino. Quero sugerir-te a maneira de salvar a princesinha. Mas será preciso não perderes tempo, do contrário ela morrerá.
- Que devo fazer? perguntou o menino.
- Escuta-me: a bruxa que fez a filha do rei ficar doente é a tua malvada madrasta. Ela tirou à pobre princesinha uma garrafa de sangue, que tem

escondida no seu quarto. Restituindo aquele sangue à doente, ela ficará boa.
E o cachorro afastou-se, abanando a cauda.
O rapaz começou a refletir e, de repente, veio-lhe à mente que a madrasta conservava uma garrafinha cheia de um líquido vermelho em um armário atulhado de recipientes estranhos e de pacotes de ervas.
Sem pensar duas vezes, dirigiu-se de corrida para o lugar de onde acabava apenas de fugir e, chegando defronte da casa da madrasta, entrou pé ante pé, resolvido a apoderar-se da preciosa garrafinha.
A feiticeira dormia ainda e ressonava como um fole de ferreiro.
Caminhando nas pontas dos pés, o menino aproximou-se do armário e abriu-o, procurando ansiosamente entre os objetos que ali estavam guardados.
De repente descobriu a garrafinha cheia de um líquido vermelho, e apoderou-se dela. Mas exatamente naquele instante a velha despertou sobressaltada, soltando um grito de terror.
Assaltado por um medo louco, o menino tratou de fugir, apertando de encontro ao peito a garrafinha.
A feiticeira quis segui-lo, uivando e gesticulando como uma louca, porém mal transpôs o limiar da porta, caiu por terra pesadamente, contorcendo-se em furiosas convulsões.
- Estou perdida! - gemia -. Se a princesa recuperar o seu sangue e viver, eu morrerei.
Antes que despontasse o dia, o menino chegara de novo diante do palácio real. Os guardas não o queriam deixar passar, mas quando o ouviram dizer

que trazia a salvação da filha do rei, acompanharam-no sem mais à câmara onde a pobre princesinha estava para entregar a alma a Deus.
O rapaz aproximou-se do leito e, incapaz de pronunciar uma palavra por causa da emoção que o sufocava, apresentou a garrafa à moribunda, que a tomou entre as mãos, arregalando os olhos de surpresa, e sentando-se na cama, como se a vida tivesse voltado subitamente ao seu organismo.
Depois, levou a garrafinha aos lábios e bebeu o seu conteúdo, exclamando
- Estou salva! . . . A fada boa me tinha dito que eu só poderia sarar bebendo o sangue que me fora roubado por uma feiticeira malvada!
De fato, alguns minutos depois, levantou-se da cama, completamente restabelecida, entre a alegria dos soberanos e o contentamento de todos.
Alguns anos depois, tornou-se esposa do seu salvador, com o qual viveu contente e feliz.

FIM